



Com dinheiro no bolso - boa parte do Bolsa Família - consumidores chegam a pé em rede atacadista da capital alagoana

CLASSE D. Pesquisa revela a importância desse consumidor para desenvolvimento da região Nordeste

## Poder de compra é de R\$ 284 mi

Potencial de consumo da população alagoana justifica o desenvolvimento de negócios na periferia nas áreas de alimentação e vestuário

MAIKEL MARQUES  
REPÓRTER

R\$ 29 mi

por mês. Este é o poder de compra da Classe D na capital alagoana.

Vítimas do histórico atraso socioeconômico nordestino, seis milhões de famílias inseridas na chamada classe D (em que a renda familiar não atinge o salário mínimo) costumam empregar os benefícios como o Bolsa Família na aquisição de gêneros alimentícios, vestuário, remédios e produtos de beleza e higiene pessoal.

O considerável potencial de consumo desta humilde fração da população alagoana justifica o desenvolvimento de negócios em regiões periféricas nas áreas de alimentação e vestuário, por exemplo.

“A demanda reprimida é muito grande. Só agora essa população tem acesso a produtos que já fazem parte da vida de muita gente em regiões como Sudeste e Sul do Brasil”, analisa o economista Cícero

Péricles, doutor em economia popular.

Levantamento do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae) relacionado à região metropolitana de Maceió atesta a importância que a pesquisa da consultoria Nilsen dá à classe D para o desenvolvimento de negócios no Nordeste.

Apesar da renda per capita muito baixa, a classe D tem potencial, na região metropolitana de Maceió, superior a R\$ 284 milhões mensais para consumo de gêneros alimentícios, por exemplo.

Contribui de forma significativa para os 67% no crescimento dos gastos na

região porque também já incorporou novos hábitos de consumo, como o de se alimentar fora de casa. Neste caso específico, o potencial de gasto é de R\$ 29 milhões mensais.

Os 33% de alagoanos que querem chegar à classe C (esta representa 27% da população estadual) também demonstra apetite de R\$ 49 milhões mensais para investir em produtos eletrônicos, razão pela qual os magazines investem nas vendas a prazo em regiões periféricas.

“Importante observar também que este segmento da população não faz poupança. O que ganha é para gastar ou comprar o

que precisa”, completa Cícero Péricles.

Vigias, porteiros, manicures e autônomos, profissões características de quem pertence à classe D, também contam, em sua maioria, com um reforço utilíssimo ao segmento comercial: o acesso aos recursos do Bolsa Família.

Em média, cada uma das 6 milhões de famílias nordestinas agraciadas com o repasse estatal embolsa R\$ 118 mensais. “São recursos direcionados ao consumo dos gêneros alimentícios, roupas, tratamentos médicos ou estéticos. Movimentam o comércio já preparado para atendê-los”.

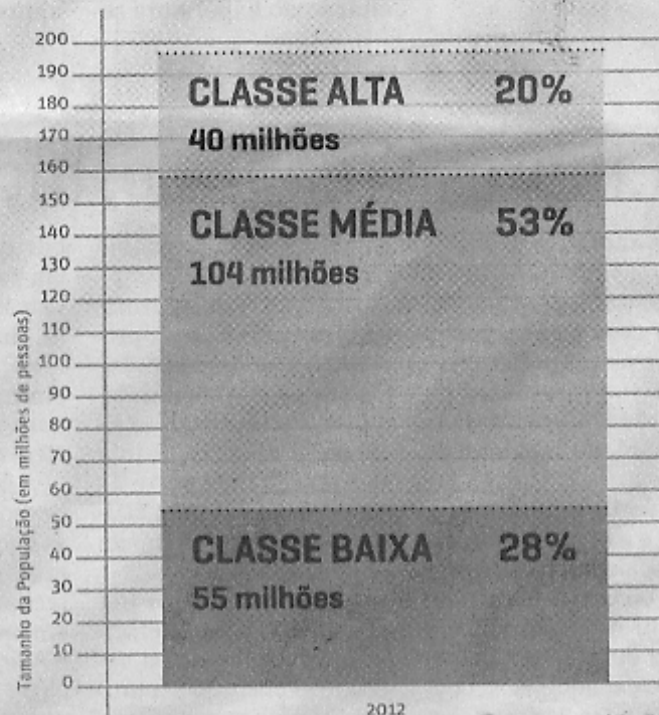
R\$ 118 mês

é o repasse médio que cada uma das 6 milhões de famílias nordestinas recebe do Bolsa Família.

### TAMANHO DA POPULAÇÃO NAS DIFERENTES CLASSES 2012

Os dados da pesquisa “Vozes da Classe Média”, preparada pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República, mostra que a classe média vai movimentar, em 2012, quase R\$ 1 trilhão - um valor que, se fosse um país, seria o 18º mais rico do mundo, logo abaixo da Argentina e da Turquia e acima da Holanda.

FONTE: Vozes da Classe Média - edição Marco Zero - Brasília, 20 de setembro de 2012. Estimativas produzidas com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).



## Classe média conta com 37 mi de pessoas

O economista Cícero Péricles, professor doutor da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), também chama a atenção para o crescimento da nova classe média, que já soma 153 milhões de brasileiros, correspondendo a 53% da população.

Dados da pesquisa Vozes da Classe Média, lançada no último dia 20, em Brasília (DF), pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República, indicam que 37 milhões tiveram acesso ao clube que os separa da incômoda miséria.

O governo federal considera de classe média todos aqueles com baixa probabilidade de passarem a ser pobres no futuro próximo. Assim, estariam incluídos na “nova classe média” as famílias com

renda per capita entre R\$ 291 e R\$ 1.019 por mês. De 2002 a 2012, ascenderam da classe baixa (pobres e vulneráveis) à média 21% da população brasileira, enquanto da classe média para a classe alta ascenderam 6%, o que significa, segundo o governo, crescimento de 15 pontos percentuais no tamanho da classe média.

Os responsáveis pela pesquisa explicam que, a partir de uma análise detalhada dos possíveis critérios para definir os limites desses grupos (onde cada um começa e termina), chegou-se à comissão de que a melhor opção seria utilizar uma divisão que gerasse grupos homogêneos com relação à vulnerabilidade à pobreza.

Segundo esse critério, foram considerados per-

tencentes à classe baixa todos aqueles com alta probabilidade de permanecer ou passar a ser pobres no futuro próximo. Assim, estariam inseridos neste contexto os que vivem em famílias com renda per capita inferior a R\$ 291 por mês.

Ainda de acordo com a pesquisa, ao longo da última década, a classe média cresceu de forma bastante acentuada. E esse crescimento não se limitou a acompanhar o crescimento populacional do País. Ao contrário passou de 38% (em 2002) para 53% da população do País

(em 2012).

### CRESCIMENTO

A classe média brasileira tem hoje 37 milhões de pessoas a mais do que tinha há uma década. Desse total, 8 milhões são resultado do crescimento natural da população brasileira e 29 milhões se devem à entrada de pessoas na classe média.

Em outras palavras, quase 80% do crescimento no tamanho da classe média foi em razão do aumento na sua participação relativa no total da população (de 38% para 53%). MMQ